

Institucionalização da ginástica para todos no brasil: três décadas de desafios e conquistas (1988-2018)

Institutionalization of gymnastics for all in brazil: three decades of challenges and achievements (1988-2018)

Institucionalización de la gimnasia para todos en brasil: tres décadas de desafíos y logros (1988-2018)



Tamiris Lima Patricio, Universidade de São Paulo

Campinas, São Paulo, Brasil

E-mail: tamirislima90@hotmail.com



Marco Antonio Coelho Bortoleto

Universidade Estadual de Campinas, Campinas, São Paulo, Brasil

E-mail: bortoleto@fef.unicamp.br



Eliana de Toledo

Universidade Estadual de Campinas, Limeira, São Paulo, Brasil

E-mail: eliana.toledo@fca.unicamp.br

Resumo: Este estudo analisou a institucionalização da Ginástica Para Todos (GPT) no âmbito da Confederação Brasileira de Ginástica (CBG), entre 1988 e 2018. Trata-se de uma pesquisa documental e um estudo de campo, incluindo entrevistas e questionários, cujos dados foram tratados por análise de conteúdo. Identificou-se um paulatino crescimento da GPT, embora ainda sem a consolidação de um festival nacional. Os profissionais que atuam junto à CBG contribuíram para mudanças administrativas, apesar de ainda haver dificuldades na constituição do comitê. Constatou-se que a formação de especialistas é realizada fundamentalmente pelas universidades, sem a participação da CBG. Por fim, é patente a maior atenção ao esporte de alto rendimento, dificultando o desenvolvimento da GPT nacionalmente.

Palavras-chave: Esporte participativo; Ginástica; Ginástica Geral; Gestão Esportiva; Federação esportiva; História do esporte, Ginástica para todos.

Abstract: This study analyzed the institutionalization of Gymnastics for All (GfA) within the Brazilian Gymnastics Confederation (CBG), between 1988 and 2018. A documental research and a field research were conducted, including interviews and questionnaires, whose data were treated by content analysis. We identified a gradual growth of GfA, although still without the consolidation of a national festival. The experts which collaborate with CBG contributed to administrative changes, despite difficulties in setting up the committee are still noted. It was found that the instructors training is carried out mainly by universities, without the participation of the CBG. Finally, greater attention to high performance sport is evident, hindering the development of GfA nationally.

Keywords: Participative sport; Gymnastics; General Gymnastics; Sports management; Sport federation; Sport history; Gymnastics for all.

Resumen: Este estudio analizó la institucionalización de la Gimnasia para Todos (GPT) en el interior de la Confederación Brasileña de Gimnasia (CBG), entre 1988 y 2018. Una investigación documental y un estudio de campo fue realizado, incluyendo entrevistas y cuestionarios, cuyos datos fueron tratados por análisis de contenido. Identificamos un crecimiento gradual de GPT, aunque todavía sin la consolidación de un festival nacional. Los profesionales que trabajaron para la CBG contribuyeron para cambios administrativos, aunque las dificultades para establecer el comité. Se descubrió que la formación de especialistas se lleva a cabo principalmente por las universidades, sin la participación de la CBG. Finalmente, es evidente una mayor atención al deporte de alto rendimiento, lo que dificulta el desarrollo de GPT a nivel nacional.

Palabras clave: Deporte participativo; Gimnasia; Gimnasia General; Gestión deportiva; Federación deportiva; Historia del deporte; Gimnasia para todos.

Submetido em: 14-11-2019

Aceito em: 10-12-2019

A Ginástica para Todos e as instituições federativas

Quando analisamos as práticas esportivas que não compõem o programa dos Jogos Olímpicos, observamos que elas são superficialmente tratadas na formação acadêmica, com escasso espaço na mídia e, frequentemente, possuem uma estruturação político-institucional precária, desencadeando um frágil desenvolvimento (MASCARENHAS, 2016). No caso das práticas não competitivas, a atenção científica é ainda menor (CARBINATTO *et al.*, 2016).

De modo específico, estudos recentes apontam diversas problemáticas no que tange ao desenvolvimento da Ginástica para Todos (GPT) no cenário nacional, prática gímnica não competitiva reconhecida pela Federação Internacional de Ginástica (FIG) e, também, pela Confederação Brasileira de Ginástica (CBG) há algumas décadas (MENEGALDO, 2018; PATRICIO, 2016). Mais precisamente, são destacadas limitações de ordem administrativa e escasso investimento por parte das instituições federativas, dificultando seu desenvolvimento, embora sejam muitas as pesquisas que evidenciam o seu valor educativo e social (BORTOLETO; PAOLIELLO, 2017).

A relevância da GPT se vê refletida no expressivo número de praticantes, chegando a milhares em alguns países (Noruega, Suécia, Suíça, entre outros), mostrando também uma importante expansão no contexto brasileiro (BORTOLETO *et al.*, 2019). A consolidação dessa prática pode ser notada ainda nos eventos de participação massiva (PATRICIO *et al.*, 2016; WICHMANN, 2015; MERKEL, 2013), entre eles, o Deutsches Turnfest, existente desde 1860 na Alemanha, que reuniu, em sua última edição (2017), mais de 100 mil participantes (MAK; CHEUNG, 2017; NEUMANN, 1987); o Slet, fundado em 1882 na República Tcheca, reunindo mais de 15 mil ginastas nas edições recentes (GAJDOŠ *et al.*, 2014); e o Landsstævne, na Dinamarca, desde 1862, que congrega até 20 mil participantes (MICHELSEN LA COUR, 2016).

Acompanhando esse importante movimento social, a FIG criou, em 1953, a World Gymnaestrada (WG), um festival gímnico não competitivo cujas edições quadrienais atraem aproximadamente 20 mil participantes (BORTOLETO *et al.*, 2019; WICHMANN, 2017).

Desse modo, embora seja notável que a vertente competitiva da ginástica tenha alcançado a hegemonia político-institucional, diferentemente daquilo que defendia o próprio fundador da FIG, o belga Nicolas J. Cupérus (SCHWIRTZ, 2006), o fomento da GPT foi mantido pela FIG e por outras diversas federações nacionais, buscando essa participação massiva.

Nesse sentido, em 1984, quase 30 anos após a realização da primeira edição da WG, a FIG oficializou um comitê específico para a GPT, prática então denominada de Ginástica Geral (GG). Esse fato parece marcar uma fase relevante de sua institucionalização, produzindo significativas repercussões em nível internacional, principalmente na ação das federações nacionais vinculadas à FIG.

No Brasil, a ginástica vem buscando seu reconhecimento no campo desportivo desde 1951, quando foi oficializada a prática da Ginástica Artística (GA) – então Ginástica Olímpica. O processo de institucionalização da ginástica em território nacional sofreu uma importante mudança com a criação da Confederação Brasileira de Ginástica (CBG), em 1978 (ROVERI; CARRARA; BORTOLETO, 2017), sob a orientação das diretrizes da FIG. Nesse período, a CBG ampliou seu reconhecimento internacional a partir de melhores resultados competitivos e também no âmbito da GPT, considerando que, por vezes, foi representada com a maior delegação dos países americanos na WG (PAOLIELLO *et al.*, 2016).

Estudos anteriores apontam que desde o século XIX, com os movimentos ginásticos europeus e o surgimento das escolas ginásticas (principalmente as francesa, sueca e alemã), período no qual diferentes modalidades gímnicas competitivas são constituídas, a Ginástica não competitiva, ou de demonstração, praticada com fins no bem-estar, na saúde ou no lazer, já se fazia presente

(PATRICIO *et al.*, 2016; SOUZA, 2000). Entretanto, a GPT se consolidou institucionalmente somente a partir da estruturação do comitê específico na FIG e em muitas federações nacionais, na década de 1980 (SOUZA, 2000).

Por essa razão, propusemos, então, um estudo que analisasse o processo de institucionalização da GPT no Brasil desde a criação de um comitê específico, em 1988, pela CBG, até o ano de 2018, quando completou 30 anos de existência. Para a ginástica brasileira, estudos dessa natureza são relevantes não apenas como um importante registro histórico, mas também para entendermos a dinâmica institucional e como ela nos auxilia a compreender os avanços e as lacunas nesse período, oferecendo ainda a oportunidade de reflexões sobre o futuro dessa prática.

Método

O estudo se constitui a partir de duas pesquisas distintas que analisaram aspectos históricos da GPT no Brasil, por meio de técnicas de documentação direta e indireta (MARCONI; LAKATOS, 2003). No que diz respeito à *documentação indireta* – recolhimento das informações por meio da pesquisa documental e bibliográfica –, as fontes foram: Sistema de Bibliotecas da Unicamp (SBU); as bases de dados Scientific Electronic Library Online (SCIELO); o portal de periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES); e os anais das nove edições dos Fóruns Internacionais de Ginástica para Todos¹. Para além das produções acadêmico-científicas, as duas pesquisas optaram por outras fontes de informações, como reportagens, documentos oficiais, fotos e boletins das federações estaduais e da CBG, obtidos via consulta a acervos do Grupo Ginástico Unicamp (GGU)² e do Grupo de

1 O Fórum Internacional de Ginástica para Todos é o maior evento acadêmico no âmbito da GPT, com sua primeira edição em 2001. É realizado por uma parceria entre a UNICAMP e o Serviço Social do Comércio – SESC (www.forumgpt.com).

2 Desde sua criação, em 1989, o Grupo Ginástico Unicamp (GGU) participa de diferentes eventos com o objetivo de divulgar sua proposta de GPT (PAOLIELLO *et al.*, 2016).

Pesquisa em Ginástica (GPG), além dos sites institucionais da FIG e da CBG.

Porém, ao longo das buscas, percebemos que alguns elementos fundamentais para este estudo em questão não eram tratados suficientemente em tais documentos descritos, constituindo significativos lapsos nas análises. Desta forma, para sanar esse problema trabalhamos com a *documentação direta* – levantamento de dados em trabalho de campo – que foi realizada com instrumentos distintos, sendo que em uma parte da pesquisa optou-se pela entrevista semiestruturada e em outra por um questionário semiestruturado (MARCONI; LAKATOS, 2003; TRIVIÑOS, 1987). Cabe destacar que o roteiro norteador da entrevista e do questionário semiestruturado foi elaborado por dois dos autores, sendo submetido a cinco pesquisadores doutores do Grupo de Pesquisa em Ginástica (GPG) da FEF – UNICAMP para revisão e validação dos instrumentos.

O roteiro norteador das entrevistas e do questionário foi composto por questões abertas divididas em duas partes: apresentação pessoal e aspectos referentes ao estudo (CBG, grupos ginásticos, história GPT, atuação na gestão federativa).

Os sujeitos foram selecionados, inicialmente, por serem ou terem sido membros do comitê de GPT da CBG, bem como por contemplarem, pelo menos, mais de um dos seguintes critérios: a) ter no mínimo 10 anos de envolvimento com a GPT no Brasil; b) ter participado de no mínimo duas edições da WG ou outros dois festivais internacionais; c) ser pesquisador da GPT no Brasil, com produção acadêmica comprovada.

Tais critérios foram elaborados com a intenção de selecionar sujeitos que vivenciaram a gestão da GPT no interior do comitê, além de terem trabalhado com a prática em ambientes fora do âmbito confederativo. Portanto, foi composto um primeiro quadro de quatro sujeitos entrevistados (E1; E2; E3; E4).

Quadro 1- especialistas entrevistados

Especialistas	Perfil
E1	Foi ginasta, árbitro nas olimpíadas de Seul em 1988, formado em Educação Física, fez mestrado e doutorado. Foi professor escolar, atuou com cargos públicos em gestão do esporte. Foi membro do Comitê de GPT da CBG.
E2	Foi ginasta, formado em Educação Física, foi professor escolar, treinador de Ginástica Artística, docente universitário (em disciplinas de ginástica). Foi membro do Comitê de GPT da CBG.
E3	Foi ginasta, formado em Educação Física. Atuou como treinador de Ginástica Rítmica e coordenador de um grupo de GPT. Foi membro do Comitê de GPT da CBG.
E4	Foi ginasta, formado em Educação Física, fez mestrado e doutorado. Foi professor escolar, atua como docente em universidade (em disciplinas de ginástica). Foi membro do Comitê de GPT da CBG.

Considerando a importância da fala de especialistas que também foram protagonistas e que, por outro lado, não fizeram parte do comitê da CBG em nenhum momento durante este período, optamos, ademais, pela aplicação de um questionário semiestruturado.

Para essa seleção, foi necessária uma alteração acerca do critério obrigatório de “ser ou ter sido membro da CBG” das entrevistas, por “ter participado de no mínimo duas edições do Festival GymBrasil”. Sendo assim, foi adicionada uma segunda amostra, com mais quatro especialistas (E5; E6; E7; E8).

Quadro 2- especialistas referentes aos questionários

Especialistas	Perfil
E5	Foi ginasta, formado em Educação Física, fez mestrado. Atua como professor escolar e foi coordenador de um grupo de GPT.
E6	Formado em Educação Física, fez pós-graduação. Atuou como docente em universidade (em disciplinas de ginástica). Atua com gerência esportiva.
E7	Foi ginasta, formado em Educação Física, fez mestrado. Foi professor escolar, foi árbitro nacional em Ginástica Artística, Ginástica de Trampolim e Ginástica Acrobática. Atua como docente em universidade (em disciplinas de ginástica).
E8	Foi ginasta, formado em Educação Física. Atua como técnico de Ginástica Artística e é coordenador de grupo de GPT.

O presente estudo foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), com o CAAE: 41375015.9.0000.5404. Portanto, para proceder com as entrevistas e com a consulta por meio dos questionários, atentamos para as normas ético-científicas vigentes, de modo que todos os sujeitos participassem voluntariamente, firmando o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), sem conflitos de interesse.

Para iniciar o processo analítico, foi realizado um procedimento de “triangulação”, o que significa analisar o problema a partir de mais de uma fonte de dados, visando, conforme relata Decrop (2004), combinar os dados de diferentes fontes, com o objetivo de contribuir para o exame do fenômeno sob distintas perspectivas.

Para a análise dos dados, adotamos o processo de análise categorial-temática, conforme as orientações de Moraes (1999). Do ponto de vista procedimental, optamos pela sistematização proposta de Bardin (2011), de modo que o processo analítico foi realizado seguindo as seguintes etapas: codificação, qualificação, redução e categorização dos dados.

Após codificar os dados, ou seja, transformar os dados brutos em uma representação de conteúdo, agrupamos os elementos que possuíam características em comum, desenvolvendo quadros temáticos, facilitando a interpretação referente a cada meta estabelecida. Assim, duas categorias temáticas emergiram, a saber: a) A estreia e o percurso de uma nova modalidade na CBG; b) Sobre o presente e as novas perspectivas das ações confederativas em prol da GPT.

Resultados

A estreia e o percurso de uma nova modalidade na CBG

Acompanhando as decisões da FIG no que tange à GPT, a gestão do professor Fernando Augusto Brochado, da CBG, entre 1985

e 1988, criou a primeira “Comissão Técnica de Ginástica Geral”³, sob responsabilidade do também professor Carlos Roberto Alcântara de Rezende. Conforme relatou o especialista E1, o então presidente da CBG tinha tido contato com a prática antes de assumir essa função, a partir de um intercâmbio realizado na Alemanha. Essa aproximação se deu também por sua afinidade com Siegfried Fischer, primeiro presidente da CBG (em 1978), com importante relação na FIG (foi o único brasileiro a tornar-se vice-presidente dessa instituição). Ambos tinham experiência com a Ginástica Artística e dominavam os idiomas inglês e alemão, o que facilitava a comunicação com especialistas estrangeiros. Brochado havia sido nomeado como “Secretário Geral” da segunda gestão de Fischer e, nesse período, em um dos eventos de que participaram juntos no exterior, Fischer pediu para que Brochado participasse de uma assembleia sobre GG proposta pela FIG, para que a Confederação conhecesse melhor essa nova prática.

Na terceira gestão da CBG, Fernando Brochado assume como presidente e convida Carlos Rezende para assumir a CGG, uma vez que eles já se conheciam e, principalmente, porque o segundo já realizava um importante festival de ginástica na Escola Técnica Federal de Ouro Preto, em Minas Gerais: o Festival Nacional de Ginástica (FEGIN).

O colaborador E1 mencionou ainda que numa das propostas para fomentar a prática seria melhor oportunizar a participação de grupos brasileiros na 9ª World Gymnaestrada (WG), em Herning (1987). Complementou dizendo que foram enviados convites para clubes, universidades e escolas, detalhando as normas do evento e informações referentes à avaliação das coreografias durante o FEGIN, que, na época, tornou-se o festival oficial de GPT da CBG.

Mesmo com a aderência de muitos grupos, o Brasil passou por uma crise financeira que ocasionou uma desistência em massa, havendo apenas uma ginasta representante na WG de 1987.

³ Ginástica Geral era a nomenclatura utilizada para a Ginástica para Todos. Em 2006, influenciada pelo movimento Esporte para Todos, a FIG altera o nome da prática (FIG, 2009; TOLEDO; SCHIAVON, 2008).

Apesar disso, houve um avanço do ponto de vista da divulgação e de um melhor entendimento sobre o referido evento:

[...] foi um negócio, assim, de importância histórica, porque teve um avanço, no ponto de vista da democratização, do acesso etc. E, ao mesmo tempo, foi o ano que o Brasil foi com menos participantes, com uma menina da ginástica rítmica. Então, foi um caso complicado, mas, por outro lado, a estrutura já estava montada ali, já tinha o festival e tudo (E1).

Nos anos subsequentes, notou-se maior participação nos FEGINs e maior interesse dos técnicos pela WG. Em 1988, o professor Brochado realizou o primeiro “Curso Internacional de Ginástica Geral”, momento de extrema relevância, com mais de 150 convidados e apoio de três respeitáveis instituições: FIG, União Pan-americana de Ginástica (UPAG) e o Instituto de Biociências da UNESP-Rio Claro (BROCHADO; BROCHADO, 1988). Ressalta-se que, nesse período, Brochado era docente da Universidade Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP (Campus de Rio Claro) e também presidente da União Pan-americana de Ginástica-UPAG.

O curso objetivou a difusão da GPT por meio da capacitação dos técnicos. A FIG enviou especialistas para ministrarem os workshops, adentrando em temáticas como: exercícios ginásticos com acompanhamento musical; condicionamento físico; jogos; demonstrações ginásticas; expressão corporal; dança; dramatização, entre outros (BROCHADO; BROCHADO, 1988).

Apenas duas edições do evento foram realizadas, pois, ao trocar a presidência da CBG, em 1990, o curso não foi continuado. Entendemos essa situação como consequência da falta de planejamento em longo prazo nas políticas públicas brasileiras, com uma constante descontinuidade de projetos no período pós-eleições (PINTO, 2008); assim como consequência de fatores internos, tanto da política da nova diretoria da CBG, como da universidade sede e dos apoiadores do evento.

De acordo com os relatos de E1 e E2, com a nova presidência o comitê de GPT foi assumido pelo professor José Carlos Eustáquio dos Santos (RJ), que permaneceu no cargo por dez anos, por indicação da nova presidente – professora Vicélia Ângela Florenzano (PR). Em 1992, a CBG aprovou a criação de um festival anual, o Festival “GymBrasil”, evento que assumiu o papel do FEGIN, que foi descontinuado.

Os anos seguintes constituíram-se como um período de grandes momentos para a GPT. Santos e Santos (1999) relatam o crescimento na quantidade de eventos em diversas regiões do Brasil, alguns deles passando a ser oficiais para o credenciamento dos grupos que pretendiam participar da WG. Como repercussão direta, tivemos a participação de 662 brasileiros na 10ª WG em Berlim (1995), maior delegação até o momento (2019); destacando-se que, em tal edição, foi conquistada ainda a realização da primeira “Noite Brasileira” no evento.

Por outro lado, E2 e E3 relataram que, depois da 11ª WG, em 1999, Santos deixou o comitê, e, segundo E6, a presidente da CBG convidou para a função Cláudia Bertolini, professora de Educação Física e integrante do Grupo Ginástico Unicamp (GGU), mas ela se desligou precocemente do cargo. A presidente então convidou o professor Edgar Antônio Hubner, dada sua afinidade pessoal com ele e, também, por sua destacada experiência como gestor esportivo (principalmente no handebol). Nesse momento, firmou-se outro marco para a institucionalização da GPT, pois, pela primeira vez, um comitê da prática foi efetivamente concebido, tendo, além de Edgar como presidente, outros três membros especialistas, a saber: Adriana Stadinick (PR), Geísa Bernardes (RJ) e Patrícia Stanquevich (SP); destacando-se a presença de Geísa Bernardes, ginasta treinada por Ilona Peuker, importante precursora da GR no país (SANTOS e SANTOS, 1999; TOLEDO, DIAS, PEREIRA, 2018), tendo participado de muitos eventos nacionais e internacionais, inclusive da WG, assumido a liderança do Grupo Unido de Ginastas e atuado na Federação Carioca de Ginástica (BERNARDES, 2010).

Esse comitê promoveu um Fórum Internacional de Ginástica, em 2003, como contou E3, evento que aconteceu na cidade de Curitiba (PR), com a participação de três convidados internacionais: a presidente do comitê de GPT da FIG, Margaret Sikkerns Ahlquist (Suécia); a coordenadora de GPT da Federação Mexicana de Ginástica, Carmem Gomez Alcalá de Flores (México); e Rogério Valério (Portugal), um dos coordenadores da 12ª WG (Lisboa, 2003).

Na opinião do E3, eventos como o mencionado acima representam um importante marco para o desenvolvimento da prática, uma vez que incluiu mesas temáticas, minicursos, apresentação de trabalhos científicos e um festival, no qual se apresentaram 15 grupos.

[...] Acho muito interessante que a CBG tenha organizado, [...] pois ela nunca tinha feito. [...] então, eu acho isso muito importante, porque os fóruns unem muito os profissionais. Os profissionais aprendem muito, trocam muito, e desenvolvem os trabalhos científicos, isso é fundamental (E3).

Figura 1- Cartaz do Fórum Internacional de GG



Fonte: Acervo Pessoal Especialista E3

No ano seguinte, Silvana Schwartz Noel, coordenadora do grupo Silvana Gym e com grande experiência na GPT, assume a presidência do comitê e permanece na posição por oito anos. Foram encontrados documentos oficiais da CBG que indicaram a volta do Gym Brasil no ano de 2009, depois de onze anos inativo, passando a ser denominado de “Torneio Gym Brasil” (CBG, 2009).

Figura 2- Boletim Informativo “Torneio Gym Brasil 2009”



Fonte: Acervo pessoal GGU

O “torneio” também se concretizou como espaço de credenciamento para a participação na WG de 2011, em Lausane (Suíça). Nessa edição, a delegação foi composta por mais de 600 brasileiros, com a manutenção de uma “Noite Brasileira” na programação do evento. Meses após a realização da WG de 2011, Marco Antonio Coelho Bortoleto, docente da Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas (FEF/UNICAMP) e coordenador do Grupo Ginástico Unicamp (GGU), assume a presidência do comitê de GPT por indicação da presidente da CBG na época, Maria Luciene Cacho Resende. Nesse período, ocorreram mudanças importantes para a GPT no âmbito da CBG, entre elas a mudança de “Torneio Gym Brasil” para “Festival Gym Brasil”, uma vez que, na opinião de Bortoleto, a GPT constituía uma prática fundamentalmente não competitiva e, portanto, o termo “torneio” não seria adequado (PATRICIO *et al.*, 2016).

Ainda nessa gestão, foram desmembrados os regulamentos do Festival Gym Brasil, da WG e do Gym for Life Challenge⁴, que, anteriormente, constituíam-se em um único e que acarretavam dificuldades na tomada de decisões, considerando-se as diferenças entre esses eventos. Foi promovida, ainda, uma importante alteração na forma de credenciamento dos grupos para a WG:

O CT da CBG deixou de realizar uma seletiva e passou a ser um “processo de credenciamento” que facilita o acesso à participação dos grupos a esse processo, pois pode acontecer não somente por meio da participação no Festival Gym Brasil e outros eventos em que o comitê esteja presente, mas, também, por meio de vídeos enviados para esse comitê. As coreografias avaliadas e que precisam de algumas melhorias não são mais desclassificadas, mas recebem orientações e uma nova chance de avaliação (E5).

No final de 2012, Bortoleto foi eleito membro do comitê de GPT da FIG, sendo o primeiro representante americano nessa função, fato que o levou a solicitar sua saída da posição que ocupava na CBG, indicando Michele Viviene Carbinatto, então docente da Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM), para sua vaga. Com isso, Carbinatto assume a coordenação e, por conseguinte, a organização da delegação brasileira que participou da 15ª WG (Helsinque, 2015), permanecendo no cargo até 2019, coordenando também a participação do Brasil na 16ª WG, realizada em Dornbirn (Áustria), com uma delegação de 622 brasileiros. Cabe indicar que, desde o início da gestão de Luciene Resende na CBG, não houve a indicação e a consolidação do comitê de GPT (presidente e membros), fato que representou um retrocesso frente ao que havia sido conquistado em gestões anteriores. A efetivação dos membros do comitê só aconteceu a alguns meses da realização do WG de 2019.

Face ao exposto, em quase 30 anos de existência do comitê de GPT na CBG, tivemos a atuação de 7 especialistas, com três longas

⁴ O World Gym for Life Challenge (WGFLC) é um festival organizado pela FIG, com característica competitiva. De acordo com o regulamento disponibilizado pela FIG (2019), também é um evento realizado a cada quatro anos, que permite a participação de todos.

gestões (Carlos Rezende, 6 anos; José Carlos Eustáquio, 10 anos; e Silvana Schwartz Noel, 8 anos), alguns gestores permanecendo um menor tempo (Michele V. Carbinatto, praticamente, 5 anos; Edgar Hudner, com quase 4 anos; Marco A. C. Bortoleto, com menos de 2 anos; e Cláudia Bertolini, com uma ação transitória de alguns meses).

A maioria dos gestores teve experiência com algum tipo de ginástica competitiva (com destaque para a ginástica artística), sendo professores de ofício (de escolas ou universidades), e contribuiu de forma significativa, a partir de iniciativas administrativas, técnicas e/ou estratégicas para a visibilidade da GPT. Dentre elas, destacamos: o estabelecimento de festivais (FEGIN e Gym Brasil), a ampliação de acesso à informação relativa a WG, a conquista de uma “Noite Brasileira” na WG, o estabelecimento do comitê de GPT com membros de diferentes perfis e localidades.

Não obstante, foram raros os registros de realização de cursos de formação, com destaque para os organizados por Fernando Brochado e o único fórum internacional que ocorreu na gestão de Edgard Hubner. A participação de especialistas brasileiros no curso de formação oferecido pela FIG (Programa FIG Academy) cresceu substancialmente desde 2012, porém nenhum curso foi realizado no Brasil – embora não seja uma ação difícil, conforme discute Bento-Soares (2018). Ficou nítido, ainda, que alguns gestores se preocuparam com a comunicação acerca das atividades e da própria GPT, como ocorrido nas gestões de Fernando Brochado, com a publicação de boletins, cartas pelo correio etc.; e Michele Carbinatto, utilizando-se amplamente da comunicação por meio eletrônico (e-mail; whatsapp; etc.).

De maneira geral, as ações de cada gestão mantêm relação com o perfil do gestor, do comitê de GPT e da própria presidência da CBG, como podemos observar na narrativa sobre o empenho do presidente Fernando Brochado na criação do comitê de 1986:

[...] a Confederação Brasileira de Ginástica, por meio de seu presidente na época o professor Fernando Augusto Brochado criou em 1986 a Comissão Técnica de Ginástica Geral do Brasil e nomeou o professor Carlos Roberto Alcântara de Rezende como seu diretor. A partir disso, esses professores começaram a divulgar no Brasil o termo Ginástica Geral e suas características de acordo com a visão da Federação Internacional de Ginástica. (E1)

A narrativa do E4 indica, ainda, o empenho do comitê na democratização das informações visando a aumentar a participação nos eventos propostos pela FIG:

[...] o CT da CBG divulgou e organizou de maneira mais criteriosa a participação de brasileiros que atuam com a Ginástica Para Todos no Brasil (estudantes de mestrado, professores Universitários, professores de grupos de Ginástica Para Todos, Membros de Comitês de Federações Estaduais) em um importantíssimo curso da Federação Internacional de Ginástica denominado “Fundamentos da Ginástica” organizado pela FIG ACADEMY PROGRAM. Tal gestão reivindicou mais vagas no curso para brasileiros junto a Federação Internacional de Ginástica permitindo que ao longo dos anos de 2014 e 2015 oito brasileiros participassem desse curso, uma outra grande conquista para o nosso país. (E4)

Não obstante, a literatura específica, bem como outras fontes documentais (AYOUB, 2007; SANTOS E SANTOS, 1999; SOUZA, 1997), indicam que a atenção por parte da CBG, durante o período estudado, foi essencialmente dedicada à participação brasileira nas WGs. Em outras palavras, a gestão confederativa esteve voltada majoritariamente à organização da delegação brasileira para esse evento quadrienal, com escassas ações entre esses eventos.

Mais ainda, a ação institucional, como foi relatado pelos especialistas, se mostrou insuficiente. Um exemplo que pode ser mencionado é da página web oficial da CBG, onde todas as notícias são divulgadas. De janeiro a outubro de 2015, ano da XV edição da WG⁵, entre as 190 reportagens publicadas, apenas duas versaram sobre a participação da delegação no referido evento, sem que nenhuma notícia reportasse o que aconteceu durante ou após o evento, embora o Brasil tenha tido uma delegação com centenas de pessoas (notadamente a maior representação da CBG em eventos internacionais).

De modo geral, vemos uma gestão marcada por discontinuidades, sejam na formação, com cursos propostos durante a gestão de 1986, ou Fórum proposto pelo comitê em 2003, ou na realização do festival nacional Gym Brasil. Ao nosso ver, esses são exemplos que elucidam que a gestão dessa prática ocorreu de modo assistemático e irregular, similar ao que ocorre com a política pública em esporte e lazer nacionalmente, conforme nos aponta Pinto (2008). A autora defende que, em diferentes momentos históricos, os programas têm tido uma marca registrada, fundada em três elementos: a discontinuidade dos programas devido às mudanças de governo; o esporte como algo secundário nas políticas públicas; a não sistematização dos projetos e programas para uma articulação de ações com outros setores. Ou seja, talvez esse não seja um problema pontual, unicamente da ginástica (ou particularmente da GPT).

De fato, diversos outros paralelos podem ser estabelecidos entre as análises realizadas por Pinto (2008) e a realidade observada na CBG, envolvendo as formas de gestão, a distinção de grupos gestores, a valorização do legado de cada um e os desafios com as modalidades. Merece menção também que o breve percurso histórico aqui narrado ainda nos mostrou o quão dissonante essas propostas da confederação estão do próprio estatuto da CBG, especialmente, o Artigo 8º: “[...] à CBG compete dirigir, difundir, promover, organizar e aperfeiçoar a Ginástica Artística, a Ginástica

⁵ Essa foi a última edição da Gymnaestrada Mundial durante o período aqui estudado.

Rítmica, Ginástica Para Todos, Ginástica Aeróbica, Ginástica de Trampolim e Ginástica Acrobática” (CBG, 2019, p. 3).

A seguir, discutiremos as ações da CBG a fim de promover uma reflexão sobre o cenário atual da GPT.

Sobre o presente e novas perspectivas das ações conferativas em prol da GPT

Como identificado, um dos objetivos estatutários da CBG está relacionado à promoção das modalidades ginásticas, algo que se dá não somente pelas iniciativas do comitê num âmbito nacional, mas também pelo que fazem para incentivar as federações estaduais no alcance de tais objetivos. Nos 26 estados brasileiros, a CBG possui 24 federações afiliadas, com exceção do Acre e do Amapá. Cada uma delas possui estatutos independentes, entretanto devem respeitar o Estatuto da CBG (CBG, 2019). Dessas, constatamos que, até o presente momento, somente quatro relatam a existência de um comitê de GPT: Federação Paulista de Ginástica; Federação Cearense de Ginástica; Federação de Ginástica do Mato Grosso do Sul; e Federação de Ginástica do Estado do Rio de Janeiro.

Carbinatto, Toledo e Massaro (2016), ao identificarem desequilíbrios na ação das federações, sinalizam alguns motivos que permitem melhor entender essa realidade: dificuldade de difusão de algumas modalidades devido a características regionais; fragilidade estrutural das federações; existência apenas dos comitês das modalidades mais “valorizadas”; amadorismo e excesso de trabalho devido a recursos humanos escassos; recursos financeiros limitados. Desse modo, mesmo sendo obrigação da CBG estabelecer normas e ações sobre a ginástica, as federações estaduais têm autonomia para fomentar as práticas gímnicas, inclusive por meio de parcerias, o que não tem ocorrido no âmbito da GPT.

O especialista E4 menciona um exemplo acerca do desconhecimento e do conseqüente desinteresse da maioria dos gestores de

federações estaduais durante as Assembleias Gerais da CBG, momento no qual se realizava a definição do estado sede do Festival Gym Brasil. Em 2015, conforme nos contou E4, um presidente de uma federação declarou não saber que seu Estado poderia votar, uma vez que não sabia que pagava a taxa de representatividade da GPT. Ele pediu para que isentasse sua federação dessa taxa, cujo valor é simbólico, com a justificativa de não querer assumir tal custo, numa clara demonstração de desconhecimento das normativas que regem o esporte no âmbito da CBG.

De acordo com outro especialista, os problemas relacionados à gestão das federações estaduais e dos próprios comitês são de diferentes ordens:

[...] como a capacitação profissional, a falta de um plano de Ação (ou sua existência de forma ineficiente), a baixa promoção de cursos e eventos, poucos mecanismos de comunicação e troca de conhecimentos (a maioria num formato atrasado e ineficiente), dentre outros. (E6)

Assim, as lacunas encontradas abrangem desde aspectos administrativos até os de ordem profissional, evidenciando certo receio de falência econômica; medo de perder o poder político; disputas pessoais; e atuação de gestores pouco qualificados. Contudo, muitas dessas barreiras ou argumentos contrários poderiam ser superados com a escolha de profissionais qualificados ou, no que diz respeito à manutenção financeira, por meio de ações que poderiam gerar recursos para o fomento da GPT, como acontecem em federações de outros países, ao conseguirem a afiliação (com pagamento de taxas de baixo custo) de milhares de praticantes de GPT. Não menos importante, festivais com participação massiva, cursos e até mesmo a realização da “Noite Brasileira” durante a WG podem gerar fundos que poderiam financiar o melhor funcionamento do comitê da CBG, como vemos a seguir:

[...] existe o medo financeiro da GPT. A GPT é a que mais pode dar dinheiro, então, se você efetivamente trabalhar com uma política junto às federações que possam fazer um evento de GPT. [...] Então, a Federação Britânica trabalha muito com isso, e sem comparação o quanto eles recebem, mesmo hoje. A Confederação de Futebol, ela tem uma academia própria de técnicos. Para você atuar como técnico, você tem que passar por aquela formação, pela academia. Eu não tenho dúvidas se a gente propusesse uma formação que seja efetivamente uma formação com informações bacanas e tal, e eles recebem um diploma de técnico da Confederação Brasileira de Ginástica, como a FIG faz, seriam mais receitas que a gente conseguiria angariar. (E4).

Nesse sentido, o especialista E1 considera que o comitê deveria ter mais autoridade em aspectos burocráticos. Por exemplo, a dificuldade em colocar uma chancela da confederação em eventos, bem como todas as decisões obrigatoriamente terem que passar pela presidência, resultando em uma lentidão dos processos e na falta de autonomia.

Embora diversas dificuldades tenham sido apontadas, é possível perceber que alguns esforços permitiram que a GPT fosse um pouco mais divulgada, ampliando a quantidade de praticantes, bem como seu reconhecimento no âmbito nacional. Seja no cenário da CBG ou das federações estaduais, muito ainda pode ser feito. Parece, ademais, que a necessidade de credenciamento dos grupos brasileiros que desejam participar da WG e a exigência da vinculação dos mesmos às respectivas Federações Estaduais (CBG, 2019) têm mobilizado gestores e os responsáveis pelos grupos a um maior envolvimento federativo e, conseqüentemente, uma maior proximidade à CBG.

Entende-se que a melhor divulgação das ações da CBG e o estabelecimento de critérios para a participação de especialistas brasileiros nos eventos propostos pela FIG (cursos, colóquios, eventos) (BENTO-SOARES, 2018) são indicadores de mudanças positivas.

Evidentemente, a atuação das federações ainda é tímida, com escassa repercussão no desenvolvimento da GPT regionalmente, refletindo o incipiente e ainda frágil processo de institucionalização da própria CBG no que tange à ginástica não-competitiva.

Algumas considerações

Nossas análises indicam um reconhecimento crescente da GPT no âmbito nacional, com a consolidação de alguns eventos, embora ainda buscando a regularidade do Festival Gym Brasil da CBG. Notamos que a política nacional, com claro reflexo na ação da CBG e das federações estaduais, é fundamentalmente voltada ao esporte de alto rendimento, reforçando a visibilidade dessas práticas e mantendo a GPT em segundo plano.

Confirmamos o que Matias e colaboradores (2015) identificaram após analisarem os projetos aprovados pela Lei de Incentivo ao Esporte (Lei nº. 11.438/2006): um notório privilégio ao Esporte de Alto Rendimento, cujos investimentos representam um maior retorno midiático, político e econômico para as empresas patrocinadoras, bem como o crescimento do consumo passivo do esporte, contradizendo posições diferentes existentes em diversos países.

Percebemos diferentes ações dos gestores que atuaram junto à CBG, na sua maioria docentes universitários, buscando ampliar o desenvolvimento da GPT e ressaltar seu potencial educativo e inclusivo, dedicando-se de modo voluntário para seu pleno reconhecimento no interior das federações e da própria confederação. Alguns deles trabalharam de forma colaborativa, o que potencializou suas ações, conforme apontado por Toledo (2018).

Assim, identificamos fatores que impulsionaram e outros que não colaboraram para o desenvolvimento da GPT no âmbito confederativo nessas três décadas, advindos de três variáveis: atuação

dos presidentes dos comitês de GPT; atuação do corpo diretivo da CBG; e influência de fatores externos.

No que diz respeito diretamente ao perfil dos presidentes, destacamos: atuação como professores de ginástica, permitindo um maior relacionamento com o ensino, a pesquisa e a extensão; trajetória histórica relacionada à ginástica, como ex-treinadores, ginastas e/ou árbitros de ginástica, possuindo experiência e *network*; atuação em outros contextos de promoção, como federações internacionais, associações, clubes etc.

Como fatores da atuação do corpo diretivo da gestão da CBG, identificamos que: poucas gestões valorizaram a composição de um comitê completo, o que prejudica as ações de GPT; a GPT vem recebendo menor apoio em relação às modalidades competitivas; ainda há pouco incentivo a um papel ativo das federações estaduais em prol da prática pela CBG.

Com relação aos fatores externos: influência negativa das crises político-econômicas pelas quais o Brasil tem passado, com destaque, na atualidade, para a diminuição de recursos no setor Educacional e Tecnológico, e a extinção do Ministério do Esporte, o que aponta para um cenário de ainda mais dificuldades; influência positiva das reformas educacionais promovidas no Brasil desde a década de 1990, valorizando a formação profissional específica para professores de Educação Física, valorizando os conteúdos ginásticos na escola; o incentivo às pesquisas ligadas a GPT, com destaque para as produções e a promoção de um fórum permanente de GPT.

Por fim, a UNICAMP pode ser considerada pioneira na pesquisa acadêmica sobre a GPT, inclusive organizando o maior evento de GPT da América Latina – o Fórum Internacional de Ginástica para Todos. O envolvimento de diversas universidades brasileiras, embora crescente e com importantes resultados para a consolidação dessa prática, não encontra reflexo nas ações federativas, mesmo com a participação de diferentes docentes na gestão da CBG.

Referências

- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2011.
- BENTO-SOARES, Daniela. **Formação de treinadores(as) de Ginástica para Todos no mundo: uma análise de programas de federações nacionais**. 303 fls. Tese (Doutorado em Educação Física) - Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2018.
- BERNARDES, Geísa. Meu reencontro com a Ginástica Rítmica. In: PAOLIELLO, Elizabeth; TOLEDO, Eliana (Org.). **Possibilidades da ginástica rítmica**. São Paulo: Phorte, 2010. p. 45-71.
- BORTOLETO, Marco Antonio Coelho; PAOLIELLO, Elizabeth (Orgs.). **Ginástica para Todos – Um encontro com a coletividade**. Campinas: UNICAMP, 2017.
- BORTOLETO, Marco Antonio Coelho; HEINEN, Thomas; MENEGALDO, Fernanda Raffi; SCHIAVON, Laurita Marconi; TOLEDO, Eliana; OLIVEIRA, Mauricio; PASQUA, Lívia. What motivates people to participate in a non-competitive gymnastics festival? A case study of World Gymnaestrada. **Science of Gymnastic Journal**, Ljubljana, v. 11, p. 15-22, 2019. Disponível em: file:///C:/Users/DELL/Downloads/SCGYM_11_1_2019_article_2.pdf. Acesso em: 14 nov. 2019.
- BROCHADO, Fernando Augusto; BROCHADO, Mônica Viviani. **I Curso piloto internacional de formação de instrutores de Ginástica Geral**. Rio Claro: Editora e Tipografia Costa LTDA, 1988.
- CARBINATTO, Michele Vivieni; CHAVES, Aline Dessupoio; MOREIRA, Wagner Wey; COELHO, Ana Laura Souza de Castro; SIMÕES, Regina Maria Rovigati. Produção do conhecimento em ginástica: uma análise a partir dos periódicos brasileiros. **Revista Movimento**, Porto Alegre, v. 22, n. 4, p. 1293-1308, 2016. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/Movimento/article/viewFile/61223/39766>. Acesso em: 17 out. 2019.

CARBINATTO, Michelle Vivieni; TOLEDO, Eliana de; MASSARO, Isabela Favaro. Estruturas e organização da Ginástica para todos: uma análise federativa. In: OLIVEIRA, Michelle Ferreira de; TOLEDO, Eliana de (org). **Ginástica para todos**: possibilidades de formação e intervenção. Anápolis: Editora da UEG, 2016. p. 43-67.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE GINÁSTICA (CBG). **Regulamento Técnico - Torneio GymBrasil**. 2009.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE GINÁSTICA (CBG). **Estatuto da Confederação Brasileira de Ginástica 2019**. Disponível em: https://www.cbginastica.com.br/adm/resources/download_arquivo/441a5799d5abf60206f92a7e64e0b4c7_5cc1c4ef9b94b.pdf. Acesso em: 17 out. 2019.

DECROP, Alain. Qualitative research practice. A guide for social science students and researchers. **Journal Recherche et Applications en Marketing**, v. 19, n. 2, p. 126-127, 2004.

FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DE GINÁSTICA. **World Gym For Life Challenge Regulations**. 2019. Disponível em: https://www.gymnastics.sport/publicdir/rules/files/en_Gymnastics%20for%20All%20Manual,%20Edition%202019.pdf. Acesso em: 17 out. 2019.

GAJDOŠ, Anton; PROVAZNIKOVA, Marie; BEDNAR, Karel; BANJAK, Stephen J. Sokol Slets – The essence gymnastics in Czechoslovakia, Czech and Slovak Republic (celebrating 150 years of gymnastics). **Science of Gymnastics Journal**, Ljubljana, v. 4, n. 3, p. 73-82, 2014. Disponível em: file:///C:/Users/DELL/Downloads/SCGYM_4_3_2012_article7.pdf. Acesso em: 17 out. 2019.

MAK, Jennifer Y.; CHEUNG, Siu Yin. The “Internationales Deutsches Turnfest Berlin” as an Event to Promote Physical Literacy. **Journal of Physical Education, Recreation & Dance**, v. 88, n. 8, p. 5-6, 2017. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/07303084.2017.1365564>. Acesso em: 14 nov. 2019.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 5ª Ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MASCARENHAS, Fernando. O orçamento do esporte: Aspectos da atuação estatal de FHC à Dilma. **Revista Brasileira Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 30, n. 4, p. 963-980, out./dez. 2016. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rbefe/article/view/126186/122965>. Acesso em: 17 out. 2019.

MATIAS, Wagner Barbosa; ATHAYDE, Pedro Fernando; HÚNGARO, Edson Marcelo; MASCARENHAS, Fernando. A lei de incentivo fiscal e o (não) direito ao esporte no Brasil. **Movimento**, Porto Alegre, v. 21, n. 1, p. 95-110, jan./mar. 2015. Disponível em: <https://pdfs.semanticscholar.org/682f/c1b653cd46150ab15f95a484abfd9e38c364.pdf>. Acesso em: 17 out. 2019.

MENEGALDO, Fernanda Raffi. **Ginástica para Todos: Por uma noção de coletividade**. 159 fls. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2018.

MERKEL, Udo 'The Grand Mass Gymnastics and Artistic Performance Arirang' (2002–2012): North Korea's Socialist–Realist Response to Global Sports Spectacles, **The International Journal of the History of Sport**, v. 30, Issue 11, 1247-1258, 2013.

MICHELSEN LA COUR, Annette. *"The Mayor must be pleased" – The relaunching of a stagnating Danish festival*. **Abstract fra 13th European Association for Sociology of Sport Conference**. København, Danmark, 2016.

MORAES, Roque. Análise de conteúdo. **Revista Educação**, Porto Alegre, v. 22, n. 37, p. 7-32, 1999. Disponível em: https://edisiplinas.usp.br/pluginfile.php/4125089/mod_resource/content/1/Roque-Moraes_Analise%20de%20conteudo-1999.pdf. Acesso em: 17 out. 2019.

NEUMANN, Hebert. **Deutsches Turnfest** – Spiegelbild der deutschen turnbewegung. Wiesbaden: Limpert, 1987.

PAOLIELLO, Elizabeth; FIORIN-FUGLSANG, Cristiane Montozo. Possíveis relações entre a Ginástica Geral e o Lazer. In: PAOLIELLO, Elizabeth (org). **Ginástica Geral** – experiências e reflexões. São Paulo: Phorte, 2008. p. 97-120.

PAOLIELLO, Elizabeth; TOLEDO, Eliana; AYOUB, Eliana; BORTOLETO, Marco Antonio Coelho; GRANER, Larissa. **Grupo Ginástico Unicamp**: 25 anos. Campinas: Unicamp, 2014.

PAOLIELLO, Elizabeth; TOLEDO, Eliana; SOARES, Daniela Bento; ALMEIDA, Tabata Larissa; MOURA, Cintia; DESIDERIO, Andrea; CARBINATTO, Michele Viviene; TUCUNDUVA, Bruno Barth.; BORTOLETO, Marco Antonio Coelho; GONTIJO, Carolina. Participation of the Pan-american Gymnastics Union in the 2011 World Gymnaestrada. **Science of Gymnastic Journal**, Ljubljana, v. 8, p. 71-83, 2016. Disponível em: file:///C:/Users/DELL/Downloads/Pan-americanunionandgymnastics.pdf. Acesso em: 17 out. 2019.

PATRICIO, Tamiris Lima. **Panorama da Ginástica para Todos no Brasil**: um estudo sobre a invisibilidade. 117 fls. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2016.

PATRICIO, Tamiris Lima; BORTOLETO, Marco Antonio Coelho; CARBINATTO, Michele Viviene. Festivais de ginástica no mundo e no Brasil: reflexões gerais. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 30, n. 1, p. 199-216, jan./mar., 2016. Disponível em: <https://www.journals.usp.br/rbefe/article/view/115461/113064>. Acesso em: 17 out. 2019.

PINTO, Leila Mirtes Santos de Magalhães. Políticas públicas de lazer no Brasil: uma história a contar. In: MARCELLINO, Nelson Carvalho (org). **Políticas públicas de lazer**. Campinas: Alínea, 2008. p. 79-95.

ROVERI, Murilo Guarnieri; CARRARA, Paulo; BORTOLETO, Marco Antonio Coelho. Ginástica de Trampolim: estudo sobre o processo de institucionalização e suas consequências no Brasil. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 31, p. 51-62, 2017. Disponível em: https://issuu.com/rbefe/docs/anais_v_sigarc_2017X. Acesso em: 14 nov. 2019.

SANTOS, José Carlos Eustáquio; SANTOS, Nadja Glória Marques dos. **História da ginástica geral no Brasil**. Jundiaí: Fontoura, 1999.

SCHWIRTZ, Karl-Heinz. **History of general gymnastics**: development and importance of general gymnastics within the Fédération Internationale de Gymnastique. Fédération Internationale de Gymnastique, 2006.

SOARES, Carmen Lúcia Soares. **Notas sobre a educação do corpo**. Curitiba: Educar UFPR, n. 16, p. 43-60. 2000.

SOUZA, Elizabeth Paoliello Machado de. **Ginástica geral**: uma área do conhecimento da Educação Física. 163 fls. Tese (Doutorado em Educação Física) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1997.

TOLEDO, Eliana de. Sobre uma história da ginástica para todos no Brasil (1950-1990): notas de um trabalho em rede. In: **Anais do IX Fórum Internacional de Ginástica para Todos**. Campinas: FEF/Unicamp; Limeira: FCA/Unicamp; Várzea Paulista: Fontoura; São Paulo: Sesc, 2018. p. 72-74.

TOLEDO, Eliana de; DIAS, Franciny dos Santos; PEREIRA, Lucas Fraga. Ilona Peuker e o papel de seus cursos para a difusão da ginástica geral nas décadas de 50 e 60. In: **Anais do XV Congresso de História do Esporte, do Lazer e da Educação Física (XV CHELEF)/ II International Congress of Sports History (II ICOSH)**. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 2018. p. 171-172.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução às ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

WICHMANN, Angela. Diversity versus Unity: A Comparative Analysis of the Complex Roots of the World Gymnaestrada. **The International Journal of the History of Sport**, v. 32, n. 4, p. 614-629, 2015. Disponível em: file:///C:/Users/DELL/Downloads/ResearchGate_DiversityandUnityattheWG_AngelaWichmann.pdf. Acesso em: 17 out. 2019.

WICHMANN, Angela. Participating in the World Gymnaestrada: an expression and experience of community. **Leisure Studies**, Leeds. v. 36, p. 21-38, 2017. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/02614367.2015.1052836>. Acesso em: 14 nov. 2019.

Financiamento

Grande parte da pesquisa que resultou neste artigo contou com o apoio financeiro do CNPq.

Aprovação de comitê de ética em pesquisa

Pesquisa aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Unicamp - Campus Campinas. Título: Panorama da Ginástica Geral no Brasil: um estudo sobre a invisibilidade.

Publisher

Universidade Federal de Goiás. Faculdade de Educação Física e Dança. Publicação no Portal de Periódicos UFG. As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.